

OS JOVENS PESCADORES DE CAMETÁ-PA: TRABALHO, CONHECIMENTOS DO CURSO TECNICO EM AQUICULTURA E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PESCADORA

THE YOUNG FISHERMEN OF CAMETÁ, PA: WORK, KNOWLEDGE FROM THE TECHNICAL COURSE IN AQUACULTURE, AND FISHERMEN IDENTITY FORMATION

Adenil Alves Rodrigues 1
Egídio Martins 2

Resumo: O artigo analisa a relação trabalho, conhecimentos do Curso técnico de aquicultura oferecido pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT-Cametá-PA) e formação da identidade pescadora dos jovens pescadores de Cametá-Pa. Metodologicamente foram feitas pesquisas bibliográficas e entrevistas semiestruturadas junto a 6(seis) jovens pescadores. Os resultados revelam que a juventude pescadora ao entender o trabalho da pesca como uma atividade difícil e penosa buscou no curso técnico de Aquicultura possibilidades que lhes permitissem tentar transformar os sacrifícios desse trabalho, ao passo que assim foram transformando não só a dimensão penosa do labor, mas também suas próprias maneiras de se auto reconhecer e identificar. Também ficou evidente que esses sujeitos estão a se identificar enquanto pescadores a partir do conjunto de conhecimentos e práticas que adquiridos no curso técnico de Aquicultura, hoje se fazem presentes nas suas atividades pesqueiras, transformando seus processos de trabalho e, conseqüentemente, suas subjetividades e identidades.

Palavras-chave: Juventude Pescadora. Conhecimento do Curso de Aquicultura. Formação de Identidade.

Abstract: This article analyzes the relationship between work, knowledge from the technical course in Aquaculture offered by the CIEBT/Cametá-PA, Pa (Education Integrated Center of Lower Tocantins River), and the fishermen identity formation of the young fishermen of Cametá, PA. Methodologically, a bibliographical research and semi-structured interviews were held with 06 (six) young fishermen. The results reveal that when they understand that the work of fishing is a difficult and tough activity, they sought in such course possibilities that would allow them to try to transform the sacrifices of this work, thus they could transform not only the tough dimension of the work, but also their own ways of recognizing and identifying themselves. It was also evident that these individuals identify themselves as fishermen based on the set of knowledge and practices they acquired in the technical course in Aquaculture, which has been present in their fishing activities so far, transforming their working processes as well as their subjectivity and identities.

Keywords: Fishing Youth. Aquaculture Know-how. Identity Formation.

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/NEB/UFPA). Mestre em Educação (UFPA). Técnico em Educação na Universidade Federal do Pará (UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2135668459162152>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7116-3929>.
E-mail: adenil@ufpa.br

Doutor e Mestre em Educação (UFPA). Docente do Câmpus Universitário do Tocantins (UFPA/Cametá). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0023780308259461>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1903-3908>.
E-mail: egidio@ufpa.br

Introdução

O texto em questão tem como objeto de investigação a formação da identidade pescadora de jovens trabalhadores da pesca de Cametá, Pará, Amazônia, Brasil, que concluíram o curso técnico de Aquicultura ofertado pelo Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantêm uma relação com o mundo do trabalho da pesca¹.

Para investigarmos a formação da identidade pescadora desses jovens assumimos como problema de pesquisa o seguinte questionamento: como os jovens trabalhadores da pesca de Cametá-PA, que concluíram o curso técnico de Aquicultura no Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins (CIEBT – Cametá) e hoje mantem relações com o mundo do trabalho da pesca, estão a utilizar os conhecimentos sistematizados e adquiridos em tal curso como elementos de formação da identidade pescadora?

No que diz respeito à metodologia, no presente estudo foram feitas entrevistas semiestruturadas (THIOLENT, 1985) junto a 6(seis) jovens² aqui identificados como: Jovem B.C.A.R (27 anos); Jovem J.A.F (23 anos); Jovem J.V.P (25 anos); Jovem A.A.R (26 anos); Jovem J.SA (26 anos); Jovem P.C.R (24 anos) tendo como critério determinante para a escolha desses sujeitos a condição de serem concluintes do curso técnico de Aquicultura ofertado pelo CIEBT-Cametá-Pa e hoje manterem-se ligados ao mundo da pesca atuando nesse por meio do ofício de pescador.

Para análise dos dados, tomamos como referência o materialismo histórico-dialético (MARX, 2008). Também aqui nos pautamos em uma revisão de literatura que nos permitiu analisar as categorias juventude, trabalho e identidade enquanto produtos de um movimento histórico-social dos sujeitos investigados.

Estruturalmente organizamos esse texto em três seções: na primeira buscamos conceituar a categoria juventude assumindo que essa, à luz do materialismo histórico-dialético, é muito mais que uma singularidade do desenvolvimento humano ou uma transição para a vida adulta, mas sim uma construção humana social resultante de relações as mais diversas, o que, do ponto de vista dos jovens pescadores, nos permite entendê-los enquanto sujeitos que apesar de demarcados pelas cisões e frações de classe, lutam e militam em defesa da construção de uma vida mais humana a partir do trabalho da pesca com o qual, cotidianamente, se relacionam.

Na segunda seção, direcionando a discussão para a categoria trabalho assumimos essa não enquanto atividade abstrata alienante, mas sim enquanto atividade concreta que na dinâmica interacional cotidiana dos jovens os permite dominarem o conjunto de suas relações dessas fazendo parte a identidade.

Já na terceira seção discutimos a formação da identidade pescadora dos jovens que atuando no trabalho da pesca buscaram no curso técnico de Aquicultura realizado no CIEBT-Cametá, a possibilidade de não apenas se qualificarem, mas também adquirirem novas experiências, conhecimentos e alternativas para assim poderem lhes dar com a dimensão mais dura, penosa, difícil e embrutecedora do trabalho da pesca, o que veio resultando na transformação desse trabalho, no próprio reconhecer-se pescador, e, conseqüentemente, na identidade que daquele (reconhecer-se pescador), surge. Por fim, expomos nossas considerações finais.

O ser jovem para os pescadores: momento de transição para a vida adulta ou fase de construção humano histórico-social?

Se é verdade que nos últimos anos o processo de expansão do capital tem provocado no mundo grandes transformações em âmbito social, político, econômico e cultural, (BOGO,

¹ Assumimos nessa pesquisa a expressão “jovens que mantêm uma relação com o mundo do trabalho da pesca” por entendermos que também hoje podem existir jovens que não se legitimam mais como pescadores no sentido ipisilítri do termo, o que estaria conduzindo esses sujeitos, segundo Rodrigues (2012a, p. 6), à três representações indenitárias: (i) uma representação fundada na unidade teórico-prática do ser pescador mediado pelo trabalho, em que saberes da pesca são dominados pelos jovens, enquanto identidade, porque nascem do exercício efetivo da profissão; (ii) uma representação firmada no domínio de saberes da pesca, mas sem uma efetiva presença no mundo do trabalho da pesca; (iii) uma já ausência de saberes relativos ao exercício da pesca, porque já firmada a juventude em outras esferas produtivas, mesmo vivendo em meio a pescadores.

² Registre-se que há autorização dos sujeitos entrevistados para o uso das falas na presente pesquisa.

2010), também não é são menos verdade que tais transformações vêm acompanhadas cada vez mais de um reducionismo e obscurecimento no que tange a compreensão dos conceitos de homem e suas fases de desenvolvimento humano – infância, juventude, idade adulta e velhice (ou, conforme o discurso pós-moderno, terceira idade).

Um exemplo do que estamos sinalizando é quando tomamos a fase que compreende a juventude³ como objeto de análise e investigação e tentamos, em função dessa, conceituá-la. Quando fazemos isso geralmente a definição mais imediata e corriqueira que encontramos quase sempre parte do pressuposto de que “[...] a entrada da juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações de ordem biológicas, psicológicas e de inserção social” (DAYREL & GOMES, 1999, p, 3).

Colocando-se contrário a essa definição que consideramos reducionista e corriqueira, hoje, a partir de um recorte de classe, também encontramos outra, que, assumida a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva, compreende a juventude não como sendo uma fase da vida humana que se caracteriza apenas pelas transformações de ordem biológicas e psicológicas, mas sim como sendo **uma construção humana social**, onde os indivíduos que a compõe são compreendidos como sujeitos sociais concretos, que apesar de demarcados pela cisão e fração de classe, vão se constituindo enquanto detentores de direitos e deveres diante de uma sociedade marcada por uma dualidade social, política, econômica e cultural (FRIGOTTO, 2011).

[...] ser jovem é também [...] ter garantido vários direitos [...], direitos de ter escola, de ter saúde, de ter uma casa, uma família [...]; direitos que se conquista com lutas, mas também tem de ter responsabilidade, aí tem a questão do dever [...] o dever de estudar, de ajudar na casa, de ser uma pessoa boa, ajudar os outros, essas coisas. Mas ser um jovem fazendo tudo isso que te falei não é fácil para nós que somos pobres, para os jovens que tem dinheiro é mais fácil, para os filhos dos ricos (J. S A, 26 anos⁴).

Vista pela perspectiva acima, a juventude aparece não mais enquanto uma singularidade, mas sim expressão plural que compreende um conjunto de sujeitos de relações históricas e sociais que tendo suas vidas afetadas diretamente pelas condições e contradições de uma sociedade classista, não aceitam o conformismo e a passividade como imposição, o que lhes permite projetar-se para um sempre desafio de lutarem por seus interesses, constituindo-se assim em “sujeitos de potencial rebeldia e contestação” (FRIGOTTO, 2009), o que vai nos permitindo entender essa fase da vida não enquanto transitoriedade, mas sim, **processo em construção**.

E é enquanto processo em construção que aqui tomamos a juventude que hoje mantem um conjunto de relações com o mundo do trabalho da pesca, uma juventude que produzindo sua existência a partir de um modo peculiar de vida, o ribeirinho, vai construindo sua existência de maneira truncada e provisória, revelando que o viver a materialidade do ser jovem se torna ainda mais penoso e angustiante, no caso daqueles que vivem no interior da Amazônia, isso porque os dilemas que enfrentam, “[...] no caso da Amazônia, com agravantes significativos, como [...] as precárias condições de vida e a falta de escolas que absorva a todos nesta fase de sua formação [...]” (SILVA, 2012, p. 81) os colocam em uma condição de vida ainda mais crítica e desumana.

Nós temos que conviver com a falta de muitas coisas. Ser jovem morador de ilha não é fácil. Quase sempre falta tudo, no inverno então é pior, aí a gente tem que ir se “virando”, improvisando e levando a vida. Ser jovem na Amazônia é isso (P. C. R, 24 anos).

3 Nessa pesquisa juventude é tomada não como uma mera fase de desenvolvimento do homem, mas como uma construção humana-social na qual as relações políticas, econômicas, culturais e sociais são bases reais e, portanto, constituem e são constituintes dessa fase da vida (FRIGOTTO, 2009; ARAUJO & ALVES, 2013).

4 Para efeito de preservação de face pública dos informantes, nesta pesquisa utilizamos tão somente as iniciais de seus nomes e a idade que a eles corresponde.

No caso específico dos jovens que se encontram em relação direta com o mundo do trabalho da pesca em Cameté-Pa, viver a materialidade da juventude se torna ainda mais penoso e angustiante porque além de estarem imersos em uma realidade tipicamente interiorana onde o “[...] Estado, não raras vezes, se abstém de atuar com propriedade” (RODRIGUES, 2012b, p. 16), também têm de construir a materialidade de suas vidas a partir da entrada precoce no mundo do trabalho, o que faz com que tenham que encurtar a infância e adiantar a fase adulta. Nessa lógica, os jovens pescadores não vivem a plenitude do ser jovem, ou quando vivem, essa vem acompanhada de incertezas e inseguranças quanto a construção do futuro. Isso revela que esses sujeitos,

[...] sob o capitalismo, [...] estão cindidos por relações sociais estruturalmente desiguais – relações de classe – que condicionam o acesso aos bens vitais ou à reprodução da vida biológica, social, cultural e educacional. [...]. (FRIGOTTO, 2011, p. 99-100).

É nesse sentido que, ignorar que os jovens pescadores são sujeitos de relação de classes, significa não levar em consideração que esses são sujeitos produtores das interações sociais, e mais que isso, são produtos dessas interações. Dessa forma, suas origens, suas raízes e cultura são o resultado de um processo histórico que a partir de um movimento real e concreto vem se desenvolvendo mostrando que os jovens pescadores, a partir de suas práticas pesqueiras, também são produtores da história, e que, portanto, não podem ser vistos e entendidos apenas na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um ‘vir a ser’ tendo no futuro na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente.

É por isso que, na reflexão aqui exposta, consideramos a juventude pescadora no contexto da contradição social a qual está inserida, pois entendemos que os jovens que vivem do trabalho da pesca estão tendo sua vida organizada a partir de uma gama variável de influências⁵ que estão conduzindo esses não raras vezes para uma identidade pescadora marcada por múltiplas determinações, quer essas sejam culturais, políticas, sociais, éticas e econômicas, relações essas que na vivência prática do cotidiano vão possibilitando a formação da identidade enquanto sínteses para além das imediatidades, mas colocando-se enquanto um complexo de relações pelos pescadores experimentadas, onde o trabalho aparece como categoria central.

O trabalho: categoria concreta que permite aos jovens dominarem um conjunto de relações que produzem suas identidades

Antes de tecermos nossas reflexões sobre a categoria trabalho, consideramos importante primeiramente esclarecermos que para essa categoria existem as mais diversas concepções e abordagens, entre as quais, a burguesa, que defende a ideia de que o trabalho se reduz a dimensão que o compreende apenas enquanto uma “[...] ocupação, emprego, função ou tarefa [...]” (FRIGOTTO, 2012, p. 21), o que nos conduz desde já a deixarmos claro qual a concepção que vamos nos pautar para discutimos tal categoria.

Para tratarmos da categoria trabalho, neste texto vamos assumir como corrente epistemológica a concepção materialista histórica-dialética, ou melhor, vamos nos utilizar das concepções defendidas por Marx, para quem o trabalho é

Antes de tudo, [...] um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e

⁵ Entre as várias influências podemos citar as advindas do mundo do trabalho, da escola, da comunidade cristã da qual participam, dos movimentos sociais por eles frequentados, das organizações de trabalhadores, da igreja, etc.

mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2008, p. 211).

Conforme a definição de Marx (2008), o trabalho vem se caracterizando como mediação que se coloca entre o homem⁶ e a natureza⁷, onde aquele, para suprir suas necessidades materiais, se apropria da natureza transformando-a, e, assim, atendendo suas (do homem) necessidades mais imediatas. Contudo, há de se considerar nessa relação que o trabalho não é mera transformação da natureza, pois o homem ao agir sobre aquela modificando-a modifica-se a si mesmo. Ou seja, para além de uma simples interação, ao condicionar a natureza às suas necessidades transformando-a, o homem também condiciona-se à natureza e a partir de uma relação dialética modifica a natureza ao passo que também modifica-se a si mesmo, humanizando-se e recriando-se a cada interação.

Nessa linha de compreensão defendida por Marx (2008), o homem através do trabalho supre suas necessidades mais imediatas e desenvolve outras necessidades mediatas que fazem com que a relação homem natureza seja uma constante e sempre mediada pelo trabalho. Assim, é através do trabalho que o homem desenvolve sua essência humana, pois, ao colocar em movimento sua corporeidade para se apropriar da matéria natural modificando essa de acordo com suas necessidades, transfere para o objeto construído sua objetividade fazendo com que o produto do seu trabalho seja um “reflexo” humanizado daquilo que o homem é. Nessa relação também há de se considerar que ao construir os materiais do qual tem necessidade, apreende e aprende na relação, e, assim, desenvolve sua subjetividade modificando a si mesmo.

Compreendido a partir desse aspecto, o trabalho humano assume uma dimensão tanto histórica quanto ontológico. Histórico porque é resultante da interação dos homens com seus pares e desses com a natureza, interação essa que vem se dando através do tempo e espaço e que como resultado deixa para as gerações posteriores um conjunto de valores, atitudes e conhecimentos (que são bens imateriais, mas que, contudo possuem força material), e não só isso, mas também, os próprios bens materiais resultantes das interações, ou seja, os produtos que em estado natural são transformados através do trabalho humano em coisas úteis para suprir as necessidades do homem como, por exemplo: utensílios, roupas, casas, ferramentas, entre outros.

Assim, ao receberem esse conjunto de bens materiais (utensílios, roupas, casas, ferramentas, entre outros) e imateriais (valores, atitudes e conhecimentos), as novas gerações de homens e mulheres, não apenas recebem um legado deixado pelos seus descendentes, mas sobre tudo, assumem a possibilidade de desenvolverem outros conjuntos de bens materiais e imateriais, e mais que isso, aprendem a superar as dificuldades e limites que as gerações anteriores não ultrapassaram e dessa forma desenvolvem outros conhecimentos que na constante interação, questionamentos e reformulações de aprendizagem com a natureza e com os outros homens, tendo o trabalho como mediador, vão surgindo e dando respostas outras para os problemas que por hora se apresentam.

Se por esse lado o trabalho é histórico, por outro, o trabalho também é ontológico, pois é próprio da espécie humana. Somente o homem consegue exercer o trabalho de forma a transferir para o objeto construído características próprias da essência humana, dando formas à natureza bruta, lapidando-a de acordo com uma intenção previamente estabelecida cognitivamente. É a partir dessa perspectiva que

⁶ O conceito de homem não é um conceito abstrato, a-histórico, pelo contrário, é um conceito concreto. Nessa concepção o homem não se define por uma natureza dada, universal, mas como um devir histórico que se faz, se produz pelo trabalho. A pergunta concreta, histórica, que põem adequadamente a apreensão do conceito de homem não é, pois, o que é o homem, mas como é produzido o homem. O homem concreto é concebido, então como uma síntese das relações sociais que se estabelece na produção de sua existência (FRIGOTTO, 2003, p.72).

⁷ A Natureza é concebida como realidade material infinita no espaço e no tempo. Desta realidade surgem os mecanismos que continuam sendo materiais; dos organismos, surgem os processos psíquicos, que são como os organismos também materiais (SALOMON, 2000, p. 197).

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia.

Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade.

No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tanto mais necessário quanto menos se sinta o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece, por isso, menos possibilidade de fruir da aplicação das suas próprias forças físicas e espirituais (MARX, 2008, p. 211-212, grifos nosso).

Em termos marxianos, o trabalho é elemento constitutivo único e exclusivamente da espécie humana. Somente os homens conseguem exercer o trabalho enquanto criação humana, pois diferentes dos animais que agem por instinto, e, portanto, não exercem o trabalho mais sim um saber fazer animal que é mecanicamente natural de sua espécie, o homem constrói o objeto primeiramente em sua mente, depois põe em movimento todo o seu corpo para materializa-lo enquanto objeto concreto.

Nessa relação de dinamicidade no qual o homem põe em movimento todo o seu corpo e sua mente ocorre o desenvolvimento das mais diversas capacidades humanas, momento de constituição da humanidade do homem “[...] porque lhe permite o exercício da engenhosidade, da criatividade, do planejamento e da execução do seu querer [...]” (RODRIGUES, 2012b, p. 54).

É essa compreensão de trabalho que aqui assumimos para analisar a formação da identidade pescadora dos jovens que hoje, ao se assumirem pescadores, reforçam a compreensão de que o trabalho que estão a desenvolver é elemento central na formação de tal identidade

Sendo assim, colocar a categoria trabalho como central na análise da relação juventude pescadora-formação de identidade, é assumir a possibilidade de que os jovens que fizeram o curso técnico de Aquicultura e hoje mantém relações com o mundo trabalho da pesca, se desenvolvem e potencializam suas compreensões do mundo, entre outros, porque aprendem com o trabalho que em comum os pescadores desempenham e ao aprender vão transformando o seu ser, e conseqüentemente, suas subjetividades e indenidades. Nesse sentido, o trabalho da pesca vai constituindo-se em uma importante referência que no movimento da vida real dos jovens pescadores vai forjando e fortalecendo nesses a identidade do ser pescador, o que revela que, de acordo Marx e Engels (2009, p. 41) “[...] o que os homens são coincide com sua produção, tanto com o que produzem, quanto com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais da sua produção”.

Assim, a compreensão do trabalho aqui abordado na sua dimensão histórico-ontológico, é fundamenta, pois, ao não está desligada da vivência prática dos jovens, se revela como caminho possível que pode possibilitar uma compreensão ampla da formação da identidade pescadora, pois, para esses jovens o trabalho torna-se momento de intercâmbio com conhecimentos e saberes que na interação entre esses (os jovens), o mundo do trabalho da pesca e os conhecimentos e práticas científicas adquiridos no curso técnico de Aquicultura, nasce.

O trabalho da pesca, os conhecimentos do curso de aquicultura e a formação da identidade pescadora

Ao recortarmos como objeto de análise a formação da Identidade pescadora dos jovens egressos do curso de Aquicultura que mantém relações com o mundo do trabalho da pesca em Cametá-PA, um primeiro ponto a destacar é que enquanto sujeitos que vivem e, assim, constroem as múltiplas dimensões de suas vidas, incluindo aí a identidade pescadora, a partir do labor da pesca, esses jovens não estão a aceitar passivamente as condições difíceis, penosas e exigentes que cada vez mais vem se fazendo presentes em suas práticas de trabalho, mas ao contrário disso, estão a buscar sim, por meios diversos, alternativas outras, a exemplo de cursos e qualificações profissionais na área da pesca que possam lhes permitir pensar, planejar, e, quiçá, transformar suas atividades laborais em práticas que, do ponto de vista físico e humano, possam se tornar mais possíveis de serem realizados.

Ou seja, esses jovens não estão a aceitar de forma passiva as condições precárias e embrutecedoras que cada vez mais vêm marcando e caracterizando o trabalho com o qual se ocupam, mas estão sim a procurar possibilidades outras que possam lhes dá a chance de, no plano concreto de suas práticas, desenvolverem um conjunto de ações que pensadas e planejadas a partir das atividades que cotidianamente se ocupam, permitam-lhes estabelecer e, assim transformar, as fatigantes e extenuantes relações de trabalho, em profícuas e praticáveis atividades. Em relação a isso, o Jovem J.S.A (26 anos, grifos nossos) comenta que:

[...] hoje, com a situação que nós vivemos, para gente ser alguém na vida é preciso a gente estar atento a todo as oportunidades [...]. **Esse nosso trabalho (o trabalho da pesca) ele é um trabalho muito difícil, penoso, exige muito de nós, a gente fica horas e horas no sol, a gente pega chuva** [...]. Foi por causa disso que eu fiz o curso de Aquicultura aí no CIEBT [...]. Quando eu fiquei sabendo, que me falaram que era um curso da pesca, eu falei, bom eu vou fazer, quem sabe com um curso desse eu não vou aprender coisas novas que podem ajudar no meu trabalho [...].

Entendendo o trabalho da pesca como algo fatigante, por ter uma natureza difícil, penosa e exigente, o que a fala acima, em sua totalidade revela, é uma clara compreensão, por parte dos jovens que investigamos, de que hoje a mobilização, no sentido da busca e conquista de novos aprendizados, se faz cada vez mais necessária para o pensar, o planejar e o executar desse trabalho, o que demonstra que não é porque esses jovens estão a se ocupar hoje com um trabalho de natureza artesanal, como é o caso da pesca em Cametá, “[...] que [...] não [vão] procurar, digamos assim, outros meios para [se] profissionalizar [...] e buscar aprender outros conhecimentos [...]” (Jovem P.C.R, 24 anos).

Apesar de ainda hoje exercerem a atividade da pesca de modo artesanal, usando instrumentos e artefatos pesqueiros tradicionais como *o matapi*⁸, *o espinhel*⁹ e *a malhadeira*¹⁰, os jovens pescadores não estão a aceitar a realidade por eles encontrada no mundo do trabalho da pesca de modo passivo como se conformados estivessem com as condições em que hoje vivem “[...] os pais e as mães de família que tentam criar seus filhos com o trabalho da pesca [...]” (Jovem J.A.F, 23 anos), mas ao contrário, buscando sim, aos moldes de Engels (2008, p. 252), não aceitar “[...] adaptar-se às circunstâncias, mas [...] buscando fazer com que as circunstâncias se adaptam a eles, [porque entendem] que sua [própria] omissão equivaleria à aceitação [das condições de vida por hora encontrada] [...]” e, conseqüentemente, no reconhecimento da impossibilidade da transformação e efetivação de criações de alternativas outras às condições

8 Artefato de pesca usado para a captura do camarão.

9 Artefato de pesca usado para a captura do pescado.

10 Instrumentos que, entre vários outros, hoje são usados de forma artesanal pelos pescadores de Cametá-PA para a captura do pescado.

difíceis, penosas e exigentes que o trabalho pelos pescadores vem assumindo, é que esses sujeitos, inconformados com a dimensão embrutecedora e difícil do trabalho da pesca, buscaram no “[...] Curso de aquicultura uma chance de tentar ver se melhora o trabalho” (P.C.R, 24 anos).

Olha, o que fez eu buscar esses [...] outros conhecimentos, essas outras práticas sobre a pesca [...] é que achei importante ter outra visão sobre o meu trabalho, sobre a pesca mesmo. Achei que enquanto pescador eu não podia mais ficar de braços cruzados vendo a minha profissão ficar cada vez mais difícil para mim. Então, eu tinha que fazer alguma coisa, foi aí que eu achei importante procurar, digamos assim, me qualificar para meu trabalho, fazer curso mesmo que pudesse me ajudar, onde eu pudesse aprender práticas para melhorar o meu trabalho, porque o trabalho do pescador, ele não é um trabalho fácil, ele é muito difícil e acho também que ele é até meio desumano (Jovem B.C.A.R, 27 anos).

A fala acima demonstra que a formação que os jovens foram buscar no CIEBT-Cametá, não é uma qualificação que de maneira direta e imediata se apresenta para esses sujeitos como “[...] relacionada diretamente ao processo de valorização do capital, que se refere aos atributos necessários para [ocuparem] corretamente um posto de trabalho [...]” (CRIVELLARI, 2000, p. 9), mas ao contrário, a formação a qual almejavam quando procuram o curso técnico de Aquicultura, foi aquela que, formada a partir da obtenção de um conjunto de novos conhecimentos e práticas a serem aplicadas no mundo do trabalho com o qual cotidianamente se ocupam, passou a ser vista pelos jovens como necessária e, portanto, indispensável para o desenvolvimento de uma vida mais digna e realizável, isso porque, ligado diretamente as suas necessidades reais, veio se apresentando como respostas aos problemas que por hora viviam, o que, em termos de aquisição, aplicação e incorporação de novos conhecimentos aos saberes da pesca que já dominam, veio resultando em reconfigurações e, assim, transformações não só do trabalho da pesca com o qual se ocupavam e passaram a aplicar os conhecimentos adquiridos com o curso técnico de Aquicultura, mas também, da identidade pescadora que com esse trabalho nasce.

Nesse sentido, por identidade pescadora estamos a compreender um fenômeno que resulta não simplesmente de um modo tradicional e culturalmente artesanal de produção de vida dos pescadores, mas sim como sendo um processo social, que para além do cultural e do artesanal a qual está ligado à produção da existência dos pescadores, é produto dos aprendizados, que, de suas participações nos embates cotidianamente travados, adquirirão e também se utilizam para poderem assim, dialeticamente, estabelecer novas relações, que no movimento de suas interações, vai modificando quem são e a partir de que se reconhecem.

Em outras palavras, ao travarem embates aprendem, ao aprenderem transformam-se, e ao transformarem-se modificam todos os processos pelos quais constroem e reconstróem os elementos determinantes de sua identidade, isso porque, passam a reconhecer as reais qualidades e características que devem ter para poder assim enfrentar as relações desiguais e díspares impostas pelo modo de produção em vigência. Nesse sentido, válidas são as considerações feitas pelo jovem J.A.F (23 anos) quando esse explica que resolveu

[...] fazer o curso de Aquicultura no CIEBT porque eu moro no interior né, interessante, importante também, para ter alguns conhecimentos da teoria e da prática da pesca, para também valorizar a pesca, para fortalecer a cultura do marisco¹¹, a cultura do pescador que é a nossa cultura [...]. É por isso que hoje eu te falo, quando eu fui fazer o curso, na verdade, eu não

11 A expressão marisco é um termo utilizado pelos pescadores da região Amazônica para se referirem à atividade da pesca.

queria só um certificado de técnico, mas o que eu queria era o conhecimento, as práticas que eu ainda não conhecia que lá no CIEBT eu aprendi, porque é assim, esses conhecimentos eles não servem só para mim ter, [...] como eu posso te falar [...], uma nova atitude no meu trabalho, mas também, para mim valorizar a minha cultura, a minha história, a minha raiz e a minha identidade, tudo isso [ou seja], um conhecimento para mim entender o meu trabalho, para mim poder transformar as práticas que eu fazia errada e agora eu posso tentar fazer certo, porque o conhecimento científico do curso me dá essa possibilidade, de agora fazer o certo no meu trabalho.

Analisando a afirmação que o jovem J.A.F (23 anos) faz acima, esclarecedor é o fato de que no que se refere a identidade pescadora, a utilização dos novos conhecimentos e práticas adquiridos no curso técnico de Aquicultura, no processo laboral da pesca, está a fazer com que esses sujeitos se reconheçam como pescadores, não mais única e exclusivamente a partir dos saberes que empiricamente construíram no trato cotidiano com a pesca, mas também, a partir do conjunto de conhecimentos, que buscados e adquiridos no curso técnico de Aquicultura, hoje se fazem presentes em suas atividades modificando e transformando seus processos de trabalho e, conseqüentemente, suas subjetividades e identidades.

Enquanto processo de trabalho que se modifica e se transforma à medida que o conjunto de conhecimentos e práticas do curso de Aquicultura vai sendo incorporado ao trabalho cotidiano da pesca do jovem pescador, a identidade pescadora, que, à primeira vista pode figurar, no plano das aparências, como sendo resultado apenas do universo cultural permeado principalmente pelo saber socialmente produzido naquele trabalho, vai sofrendo, do ponto de vista do movimento da matéria (MARX, 2008), alterações que no plano das contradições vai revelando, que para além do conjunto de saberes e conhecimentos empíricos-tradicionais gestados principalmente pelo trabalho da pesca, também há, no bojo da constituição dessa identidade, a presença de elementos outros, que resultantes de um conjunto de relações extra mundo do trabalho da pesca – mas sem deixar de com esse se relacionar – são adquiridos e incorporados nesse mundo, porque com ele interage, e por interagir modifica e transforma o trabalho e a identidade que a partir desse (trabalho) nasce.

É assim, pra te falar, hoje o meu trabalho com a pesca ele tem tanto saber que eu aprendi, vamos dizer assim, com a minha família, com meu pai, com meu avô que me ensinaram a pescar; mas tem também conhecimentos e as práticas que eu aprendi no curso de Aquicultura. [...]. Por isso, para mim que fiz o curso técnico lá no Ciebt, a identidade de pescador é tanto com conhecimento do curso, mas também tem conhecimento da pesca mesmo (A.A.R, 24 anos).

Com efeito, tomando os jovens pescadores que realizaram o curso técnico de Aquicultura como sendo um conjunto de sujeitos “[...] históricos, concretos, ativos, que se transformam na medida em que transformam o conjunto [...] das relações sociais que produzem [...]” (GRAMSCI, 1978, 38), a identidade pescadora, que também é fruto dessas transformações, não poderia estar a se formar de modo estático como se de fato resultasse única e exclusivamente apenas do conjunto de saber empíricos que é produzido e, portanto, gerado no trabalho da pesca. Para além disso, a identidade pescadora dos jovens que realizaram o curso Técnico de Aquicultura no CIEBT-Cametá, é aquela que se formando a partir do resultado dos diversos processos de interações estabelecidas entre esses sujeitos e os ambientes outros com o qual se relacionam, vai se estruturando enquanto produto de um movimento de acumulação de múltiplas experiências e aprendizados, e, portanto, não se constituindo de modo imutável, mas resultando sim das concretas relações sociais dos sujeitos pescadores com o mundo, sendo

que, nessas relações novos conhecimentos são produzidos, adquiridos e, conseqüentemente, incorporados e reconfigurados, o que faz se evidenciar que, se no processo de vida real os jovens que pescam estão a se modificar e se transformar à medida que seu conjunto de conhecimentos, experiências e aprendizados se ampliam, também são nesses mesmos movimentos que seus complexos processos de identificação e reconhecimento se alteram (DUBAT, 2009).

Sobre as transformações que os sujeitos jovens que hoje pescam estão a sofrer, bem como as modificações que em decorrência de tais transformações a identidade pescadora desses sujeitos estar a assumir, assim comenta o Jovem (A. A. R, 24 anos):

Eu, quando eu penso como era o meu comportamento há algum tempo atrás e quando eu olho hoje para o meu presente, eu vejo quanta coisa mudou em mim, quantas coisas que eu fazia errada na minha profissão, que hoje, por eu ter estudado, por eu ter aprendido outros conhecimento, por eu ter adquirido outras pratica, eu posso fazer certo [...]. Hoje eu te falo que eu sou um pescador consciente, uma pessoa diferente na minha profissão [...] e eu reconheço que muito dessa consciência que hoje eu tenho no meu trabalho foi devido a esses conhecimentos que eu aprendi lá no curso.

Do ponto de vista da transformação humana, diríamos, a partir das colocações acima feitas pelo Jovem (A. A. R, 24 anos), que esse sujeito não apenas se percebe hoje como um ser mais consciente e, portanto, com atitudes e ações diferentes das atitudes e ações anteriormente adotadas por ele no trabalho da pesca, mas também, que essas transformações muito se devem aos conhecimentos e práticas que no curso de pesca outrora realizado, foram construídos e que hoje lhes permitiram a atitude da transformação de suas ações e, portanto, de si mesmo. Também há de se considerar na fala acima, ainda com relação aos conhecimentos e práticas adquiridos no curso de Aquicultura pelo jovem informante desta pesquisa, a importância que esse sujeito atribui a esses (conhecimentos e práticas) como sendo os responsáveis pela tomada de consciência que o faz reconhecer-se como trabalhadores da pesca “diferente” em sua profissão, o que evidencia que, do ponto de vista da formação da identidade pescadora, a obtenção desses conhecimentos e práticas relacionados ao exercício da pesca, também vai permitindo aqueles que realizaram o curso de Aquicultura perceberem-se como sujeitos pertencentes a um ofício em comum, que é a pesca, em oposição a ofícios outros, diferentes. A esse respeito, Rodrigues (2012b, p. 139) comenta que a construção de novos conhecimentos e práticas,

[...] relacionados ao exercício do trabalho dos pescadores possibilita a [...] formação identitária de sujeitos que desenvolvem um tipo especial de ofício em oposição a ofícios desempenhados por contingentes outros de trabalhadores, o que lhes permite perceberem-se como semelhantes a partir do que fazem.

Assim, é percebendo-se como sujeitos semelhantes a partir do que fazem que a afirmação feita a seguir pelo Jovem (B.C.A.R, 27 anos), corrobora para entendermos que a formação da identidade pescadora nos jovens que realizaram o curso técnico de Aquicultura no CIEBT-Cametá

[...] ela sofreu sim modificações. Não vou dizer que antes da gente fazer o curso a gente não era nem menos, nem mais pescador, porque a gente já pescava, a gente já sabia pescar, a gente já se via como pescador. Mas com o curso, a nossa maneira de ver a pesca ela mudou sim [...]; o nosso trabalho,

depois que a gente passou a usar os novos conhecimentos e também as novas práticas e as novas técnicas lá do curso, ele ficou diferente [...], ficou modificado; hoje eu me entendo como pescador pelo que eu sabia antes [mas também] pelo que eu aprendi depois lá no curso.

Tomando os jovens pescadores enquanto sujeitos que compreendem e reconhecem as transformações que o curso técnico em Aquicultura trouxe para suas práticas pesquisadas e, conseqüentemente, para as suas vidas, diríamos que no que tange a identidade desses sujeitos, essa, enquanto resultado das interações que vão sendo estabelecidas entre aqueles (os jovens) e os diversos ambientes com os quais interagem¹², vai se formando por meio de um processo complexo de amalgamação de conhecimentos sistematizados e saberes empíricos tradicionais, técnicas científicas e macetes artesanais, aprendizados teóricos e práticas empíricas, que postos em ação na sempre tentativa de amenização das durezas de um trabalho que não raras vezes tende a lhes fragilizar física e humanamente, vai consolidando marcas, características e qualidades que em seus processos interacionais junto a outros pescadores, vai fazendo com que reconheçam que o domínio de um conjunto de conhecimentos outrora adquiridos em um espaço outro diferente do ambiente onde o trabalho da pesca se efetiva, hoje é o que lhes permite materializar pescas bem sucedidas e, conseqüentemente, que se identifiquem como pescadores “[...] as vezes até mais que outro pescador [...]”, como nos relato o Jovem J.A.F (23 anos):

Olha, do meu ver, hoje eu me reconheço como pescador como qualquer outro pescador aqui da nossa região; te digo até que eu consigo ser bem mais eficiente com a pesca do que muitos outros pescadores até mais experientes, mais velhos do que eu, porque com a qualificação que eu tive para o meu trabalho no curso de Aquicultura, tem assim noções, tem técnicas, tem macete, como já te falei, que tem que eu uso de um jeito que tem outros pescadores que não sabe usar porque não foi fazer o curso. É conhecimento assim, que transforma a minha maneira de pescar que as vezes o pessoal lá da boca do rio fala: – mais Míza tu tem sorte para pegar peixe – e eu falo: – não é sorte, é que as vezes eu uso uns conhecimentos meus do curso que eu fiz, que me ajuda no meu trabalho, que faz a diferença para mim [...].

No que diz respeito às atribuições feitas pelo Jovem J.A.F (23 anos) ao curso de Aquicultura como sendo uma qualificação que o permite se auto reconhecer, ou seja, se auto identificar como pescador “[...] como qualquer outro pescador aqui da nossa região [...]” (Idem), destaca-se que o que está por trás dessa afirmação não é o simples fato desse sujeito ter feito o curso de Aquicultura e a ele (ao curso) atribuir todos os sucessos e insucessos que por ventura venha a ter nas atividades cotidianas da pesca. Para além disso, o que a fala destacada acima está a revelar é que as atribuições feitas são fruto sim do uso corrente de um conjunto de conhecimentos e práticas cientificamente construídas e acumuladas em uma instituição formal de ensino, e que, posteriormente adquiridas por sujeitos pescadores, como no caso dos jovens aqui pesquisados, são aplicadas no processo tradicional do trabalho da pesca, o que vai lhes permitindo materializar pescarias bem sucedidas que do ponto de vista do auto reconhecimento como sujeitos da pesca, vai lhes possibilitando a construção de um processo de auto identificação do se sentir pescador “[...] às vezes até mais que outro pescador [...]” (J.A.F, 23 anos).

¹² No caso da presente pesquisa, em especial os ambientes formados pelos rios onde a pesca, e, conseqüentemente, os saberes se desenvolvem, e os espaços formais de educação onde adquirem os conhecimentos, práticas e técnicas diferentes dos saberes.

[...] as vezes o pessoal lá da boca do rio fala: – mais Miza tu tem sorte para pegar peixe – e eu falo: – não é sorte, é que as vezes eu uso uns conhecimentos meus do curso que eu fiz, que me ajuda no meu trabalho, que faz a diferença para mim [...] (Idem-grifos nossos).

Enfim, tomando todos os depoimentos até aqui expostos o que se está a constatar é que são vários os conhecimentos e as práticas adquiridas no curso de Aquicultura e usados pelos jovens que o fizeram, no trabalho artesanal da pesca, o que demonstra que esse conjunto de conhecimentos aqui relacionados, cada vez mais estão a se fazer presentes no cotidiano prático-laboral desses sujeitos reorganizando-lhes a forma de trabalhar e, conseqüentemente, a identidade que a partir desse trabalho vai surgindo.

Considerações Finais

Pesquisar a formação da identidade pescadora de jovens trabalhadores da pesca que realizaram o curso técnico de Aquicultura no CIEBT-Cametá-Pa revela uma prática que desde o início nos permite entender a questão da identidade não enquanto um objeto estático e imutável, mas sim enquanto um fenômeno que se realiza como produto de múltiplas determinações que vão influenciando e transformando os jovens pescadores e suas subjetividades.

Compreendida a identidade pescadora a partir dessa perspectiva, fica claro que essa (identidade) pode ser explicada a partir de um conjunto de relações sociais que hoje os jovens pescadores de Cametá-Pa mantêm com o mundo que os cerca, o que pode nos possibilitar entender as identidades de gênero, de idade, de etnia, de cultura, a subjetividade e quantas outras possam ser privilegiadas nas discussões atuais, no processo de transformação da sociedade – relacionadas e submetidas à identidade de classe e marcada e constituindo-se, assim, em um palco de disputas [...] (BOGO, 2010).

Observado o fenômeno da identidade enquanto espaço de disputa, não se poderia negar que hoje os intercâmbios que os jovens pescadores estabelecem com o mundo que os cerca, vem sofrendo influências de um conjunto de forças determinadas pela classe do capital que vem desvalorizando o trabalho, a educação, a cultura, o lazer, ou qualquer outra forma de interação que sirva para identificar os jovens que mantêm uma relação com o mundo do trabalho da pesca, o que revela, por um lado, que esses jovens estão imersos na negação produzida pelo capital, e, por outro, que a identidade desses sujeitos pode ser entendida a partir do movimento das contradições presentes em todas as coisas (BOGO, 2010).

Assim, buscando nas condições e produções materiais nas quais os jovens estão envolvidos, foi que tecemos os esforços necessários para apreendermos, a partir do movimento do real, as vias pelas quais hoje a formação da identidade pescadora está a se construir na juventude pescadora de Cametá-Pa. Para tanto, partimos do princípio de que a identidade pescadora não se forma única e exclusivamente a partir das relações imediatas que são estabelecidas entre os jovens pescadores de Cametá e o mundo do trabalho da pesca, mas que, para além dessa relação, hoje tal identidade pode estar também incorporando outros elementos como os conhecimentos do curso técnico de Aquicultura que esses sujeitos, após concluírem o Ensino Médio, buscaram.

Referências

ARAÚJO, Ronaldo Marcus de Lima; ALVES, João Paulo da Conceição. Juventude, trabalho e educação: questões de diversidade e classe das juventudes na Amazônia. In: **VI Seminário Luso-brasileiro educação, trabalho e movimentos sociais**. 2013, Lisboa. Atas... Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013. p, 246- 258.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classe**. 2ª ed.- São Paulo: expressão popular, 2010.

CRIVELLAR, helena. Qualificação formal, qualificação real. In: FIDALGO, Fernando e MACHADO,

Lucília. **Dicionário de Formação Profissional**. NETE – Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação: Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <http://www.iiep.org.br/modulos/mod001/docs/definicoes.pdf>. Acessado em: 23 jan de 2016.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. Serviço Social da Indústria (SESI), n. 30, 25-39, 1999. Disponível em: http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf. Acessado em: 09 nov de 2014.

DUBAT, Clauder. **A crise das identidades**: A interpretação de uma mutação. – [Tradução Mary Amazonas Liette de Barros]. – São Paulo, 2009.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. – [Tradução B. A. Schumann]. – São Paulo: Boitempo, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: FRIGOTTO, Gaudêncio... [et al.] (Org.). **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. -6. ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação: o presente e o futuro interditados ou em suspenso. In: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Liber Livro e Editora UFF, 2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 5. Ed. – São Paulo, Cortez, 2003.

GRAMSCI, Antônio. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

JUVENTUDE com vida provisória e em suspenso. Direção de Lara Frigotto. Coordenação de Gaudêncio Frigotto. Rio de Janeiro: Arissas multimídias, 2009. 1 DVD (49min 16s), Ntsc, son., color.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Saberes do trabalho da pesca e identidade de juventude do município de Cametá – Nordeste da Amazônia paraense**. Projeto de pesquisa aprovado no Conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico- CNPQ. Cametá-Pará, 2012a.

Rodrigues, Doriedson do Socorro. **Saberes sociais e luta de classes: um estudo a partir da colônia de pescadores artesanais Z-16 Cametá/ Pará**, 2012. Tese (Doutorado em educação)-Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém. 2012b.

SALOMON, Délcio Vieira. **A maravilhosa incerteza**: ensaio de metodologia dialética sobre problematização no processo do pensar, pesquisar e criar. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

SILVA, Jamerson Antônio de Almeida da. As especificidades das políticas de qualificação profissional para a juventude. In: OLIVEIRA, Ramon de (Org.). **Jovens, ensino médio e educação profissional**: políticas públicas em debate. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1985.